



## MOZART: "REQUIEM"

**Barradas (s), Figueiredo (ms),**

**Alves dos Santos (t)**

**Oliveira (bar), Coelho (d),**

**Orquestra e Coro Gulbenkian**

Gulbenkian, Lisboa, dia 15

Era aquilo a que agora se chama um "concerto participativo", misturando amadores com profissionais. O auditório enche-se com um novo público de familiares e amigos, a média etária baixa consideravelmente e saem todos muito satisfeitos. Tudo o que se fizer pela prática da música e da educação musical da juventude e da população em geral, é bem-vindo. Depois da "Carmina Burana" e do "Messiah" chegou a vez do "Requiem" (1791) de Mozart. Não fossem os problemas financeiros de Constanze, viúva de Mozart, e não teríamos o prazer de ouvir esta obra; à data da morte, o compositor tinha apenas acabado o 'Introitus' e estabelecera o esqueleto do 'Kyrie' e da 'Sequentia' (até à 'Lacrimosa'). Franz Xaver Süssmayr completou a obra — o 'Sanctus' e o 'Agnus Dei' são inteiramente da sua lavra — aproveitando esboços e ideias de outras peças sacras de Mozart. Segundo o programa de sala, a 32 membros do Coro Gulbenkian juntaram-se quase 150 voluntários (alguns, nomes conhecidos da sociedade civil). Ao todo, mais do dobro do número de instrumentistas da Orquestra — o que distorce o equilíbrio ideal do "Requiem". Sei que há uma grande tradição destas experiências em países de notável passado (e presente) coral, por exemplo o "Messiah" no Reino Unido. Quanto à execução, notei alguns problemas de ataque e balanço no princípio, mas a meio da 'Sequentia' já tudo corria bem. Mais importante, ainda: a satisfação e alegria (notórias) dos participantes-extra contagiaram o público, predispondo-o para a música. Porém, o interesse maior deste concerto centrava-se no desempenho do jovem Nuno Coelho, na sua primeira apresentação como Maestro Convidado da Orquestra Gulbenkian. Exuberante na gestualidade (dirigiu sem batuta), desembaraçou-se bem da tarefa. Admirei, em especial, a maneira como ele sossegou o público, impedindo os aplausos a despropósito. Um quarteto estimável de cantores nacionais, onde se distinguiu a pujança (talvez demasiado operática) do tenor Marco Alves dos Santos, completou a rostra. / JORGE CALADO